Factos e documentos relativos ao Instituto de Histologia de Coimbra

PUBLICADOS POR

GERALDINO BRITES

VII

O Prossectorado do Hospital Escolar de Lisboa

e o

Instituto de Histologia de Coimbra

EDIÇÃO DO AUTOR — 1940

Tip. da «Coimbra Editora, Limitada»

ARQUIVO DE CARVALHO

VII

O PROSSECTORADO DO HOSPITAL ESCOLAR DE LISBOA E O INSTITUTO DE HISTOLOGIA DE COIMBRA

No articulado do decreto n.º 5:642, que em 1918 modificou a organização de 1911 do ensino médico, apareceu, no capítulo do pessoal técnico das Faculdades, a menção de um funcionário que não existia na legislação anterior, o *Prossector* (1), e na tabela anexa, que fixava o número de técnicos de cada Faculdade, o prossector foi mencionado no quadro de Lisboa, e só neste, inteiramente àparte (2) daquele pessoal que foi atribuído ao Instituto de Anatomia Patológica.

---

(1) O artigo 53.º do decreto n.º 4:652 (*Diário do Govêrno*, 1.ª série, n.º 157, 14 de Julho de 1918) refere-se a «Chefes de serviço, prossectores, preparadores, analistas e mais pessoal técnico» podendo ser chamados a desempenhar serviços exclusivamente científicos e técnicos e sem encargos pedagógicos.

(2) Na tabela anexa dos vencimentos dos funcionários do quadro técnico, referente à Faculdade de Medicina de Lisboa, fixam-se os números e retribuïções seguintes:...

2.º Instituto de Anatomia Patológica: 1 desenhador (contratado), 600$00, 1 preparador (contratado), 540$00, 1 ajudante de preparador, 288$00, 2 serventes a 216$00.

3.º Laboratórios das Clínicas Escolares: 1 prossector do Hospital Escolar, 750$00, 2 analistas a 300$00.

RCI
MNCT
616

Assim foi criado o lugar de Prossector do Hospital Escolar e definida a sua situação relativamente a êste Instituto.

O Conselho da Faculdade de Medicina manteve essa inteira independência quando se ocupou da organização do serviço correspondente. Regularizou uma situação já existente, mas dando-lhe uma liberdade que até então não tivera.

Com efeito, até aí e em virtude das disposições legais que regiam as relações entre os Hospitais Civis e a Faculdade de Medicina, aqueles cediam a esta os cadáveres não reclamados pela família ou pela justiça, e a Faculdade procedia às autópsias requisitadas pelos serviços clínicos hospitalares. Êste encargo, que coube ao Instituto de Anatomia Patológica, foi sempre pesadíssimo, considerando o reduzido pessoal dêste Instituto, a dispersão citadina dos serviços hospitalares e a sua lotação, sempre completa e muitas vezes excedida. Eram notáveis as deficiências, quanto à rapidez na satisfação dos pedidos de autópsia e unânimemente reconhecida a impossibilidade material da execução de tal serviço, se as requisições se multiplicassem na proporção das necessidades científicas dessas clínicas. Todavia neste regime o Instituto fez 12.283 autópsias (1).

O Hospital Escolar, muito mais pela finalidade especial das suas clínicas do que pela sua lotação, era dos que mais vezes e com maior urgência pediam a execução de autópsias, absorvendo uma parte impor-

---

(1) É tamanho o labor que esta cifra representa que é justo que se preste homenagem àqueles que o executaram. No período 1915-1922, o que mais particularmente me interessa, foram assistentes os Drs. Henrique Parreira, Manuel Gomes Barreto, Braz de Jesus Nogueira, Teotónio Raposo Pimentel, José Henriques Cascão de Anciães, Jaime Augusto Pereira Correia, João da Silva Neves de Sousa Alvim, Henrique Meleiro de Sousa, Luís Filipe Quintela, Luís Robertes Simões Raposo.

tante da actividade do pessoal do Instituto. Os directores dos servicos debalde procuravam suprir as inevitáveis faltas.

Conhecendo esta situação, de que resultavam inconvenientes graves de ordem vária, solicitei autorização para fazer as autópsias dos cadáveres provenientes das enfermarias de Terapêutica Cirúrgica (Serviço do Prof. Francisco Gentil), pouco depois de tomar a direcção do laboratório respectivo em organização (Janeiro de 1915). Era êste serviço de autópsias de pequeno vulto, porque o número de camas era também pequeno, embora muito grande fôsse a actividade cirúrgica desenvolvida na Clínica. As peças recolhidas começaram desde logo a ingressar no seu Museu (1).

Em Agôsto de 1915, pela passagem do Prof. Francisco Gentil para a direcção da 1.ª Clínica Cirúrgica e do pessoal do seu laboratório para o desta Clínica, o serviço aumentou e passei a executá-lo como assistente livre do Instituto de Anatomia Patológica (Setembro de 1916). Dentro em breve as solicitações dos directores dos vários serviços escolares levaram-me a fazer todo o serviço necrópsico do Hospital de Santa Marta, como se seu prossector fôsse, e o laboratório do Serviço do Prof. Francisco Gentil, com plena aquiescência e aprazimento dêste ilustre cirurgião, graças à sua vasta cultura anatomo-patológica, passou a orientar particularmente a sua actividade, como se do laboratório do prossectorado se tratasse, acudindo às necessidades anatomo-patológicas de todos os serviços, com exclusão parcial, durante algum tempo do Serviço de Neurologia

---

(1) Cf. Geraldino Brites, *O 1.º triénio do funcionamento do Laboratório da 1.ª Clínica Cirúrgica*, «Portugal Médico», 3.ª série, vol, IV, n.º 9, 1918.

Idem, *O Laboratório do Serviço do Prof. Francisco Gentil (1 de Janeiro de 1915 — 15 de Setembro de 1922)*, «A Medicina Comtemporânea», Ano XLI, n.º 2, 14 de Janeiro de 1923.

(Prof. Egas Moniz), onde os Drs. António Flores e Romão Loff faziam os estudos histológicos de interêsse para aquela clínica.

Não eram estes serviços por mim prestados objecto de qualquer remuneração ou gratificação.

Até Fevereiro de 1919, foram nestas condições feitas 645 autópsias, cujos relatórios se encontram no Arquivo do Instituto de Anatomia Patógica, para onde eram enviados, satisfazendo a única condição que pelo Prof. Enrico Emílio Franco me fôra imposta, ao nomear-me seu assistente livre. Tôdas as peças de interêsse cirúrgico foram arquivadas no Museu da 1.ª Clínica Cirúrgica, como compensação do excesso de trabalho que o seu estudo histológico acarretava ao laboratório.

Estas autópsias, feitas muitas vezes perante os cursos e respectivos professores e assistentes, decorriam a princípio com uma relativa comodidade, embora o pessoal fôsse apenas um servente e o instrumental muito incompleto e mesmo êste de empréstimo.

O necrotério era um pequeno anexo situado nas trazeiras do terreno hospitalar, posteriormente aos pavilhões das Clínicas cirúrgicas, com acesso fácil ao pessoal pela Travessa de Santa Marta e utilizando o portão de serviço da Rua da Sociedade Farmacêutica para a saída dos cadáveres, tudo bastante patente aos doentes das enfermarias cujas janelas abriam para êsse lado.

Nesse pequeno edifício rectangular (fig. 1) havia, a seguir à porta de entrada dos cadáveres, um curto corredor para o qual abriam seis compartimentos, cada um com um leito, igual aos das enfermarias, mas com colchão revestido de oleado, onde eram colocados os cadáveres a autopsiar, envoltos nos lençoes com que eram transportados das enfermarias, com as suas roupas brancas. Êsse corredor abria-se numa sala, relativamente ampla, com iluminação superior por claraboia e

lateral por ampla janela; nela havia uma larga mesa de mármore, onde podiam ser deitados lado a lado dois cadáveres, e o mobiliário necessário numa sala de autópsias. No eixo do corredor e para além da sala, havia uma porta de comunicação com uma outra sala mais pequena, com uma larga tarimba de mármore para os cadáveres autopsiados, e onde estes eram vestidos e colocados no caixão antes de serem entregues às famí-

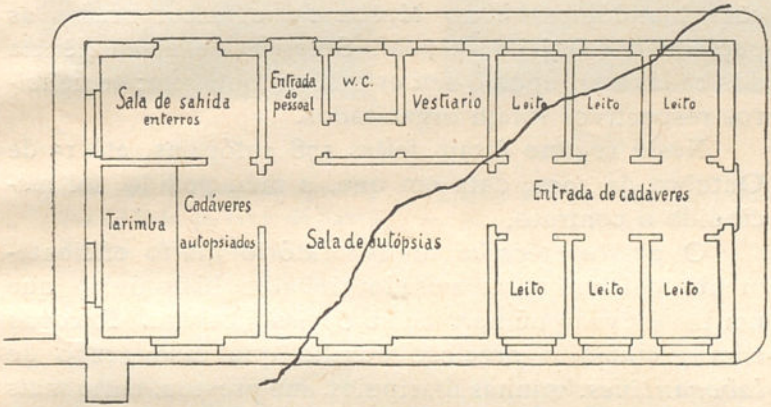

FIG. 1

Planta do Necrotério do Hospital Escolar em 1915

O traço oblíquo irregular marca aproximadamente o limite da porção aproveitável (para baixo e para a direita) e da inaproveitada, após a derrocada de 1920.

lias. Uma porta fazia comunicar êste depósito com um compartimento ainda mais pequeno, cujo mobiliário se reduzia a uma banqueta, para o caixão, onde podia ser velado e donde saíam os funerais. Na sala de autópsias terminava um outro corredor, de acesso do pessoal, no qual se abriam um minúsculo vestiário com lavabos e um W. C. Era tudo pequeno, as deficiências muitas e grandes.

* * *

Contratado para exercer as funções de prossector, a continuïdade de trabalho com a situação anterior foi perfeita; nelas encontrei a possibilidade de organizar o arquivo dos protocolos de autópsia no laboratório onde continuaram a ser feitos os estudos histológicos. Ali se coleccionaram também as requisições e as preparações histológicas e no Museu foram incorporadas as peças não requisitadas pelos Serviços de proveniência dos cadáveres, após o seu estudo e montagem; os ficheiros respectivos foram organizados.

Neste regime foram feitas 578 autópsias, até 15 de Outubro de 1922, data em que, a meu pedido, foi rescindido o contrato.

O pessoal técnico do laboratório muito eficientemente colaborou no pesado trabalho histológico que um tão elevado número de autópsias motivou. Recordo com gratidão o precioso auxílio que êsse grupo de *laborantines,* minhas discípulas, me prestou, tanto mais que a sua actividade própria era já de si muito intensa (nos 7 anos e 8 meses da minha direcção o laboratório fêz 14.915 análises).

Foi acidentado êste segundo período da minha actividade anatomo-patológica em Santa Marta e um episódio merece ser recordado, porque agravou extraordinàriamente as condições de trabalho.

O pequeno necrotério ficava à distância de muito poucos metros de um muro de vedação das instalações hospitalares, no sopé de um terreno em forte declive que vinha desde a cêrca do Hospital de Rilhafoles, a meio do qual foi aberta a Rua de Luciano Cordeiro. A partir de certa data começaram a fazer aterros dêste lado, a construir muros de suporte junto do muro de vedação, para poder levar mais acima a acumulação de terras, e sôbre elas a construir altos prédios. A pressão

FIG. 2

Efeitos da derrocada, apreciados do lado de Trav. de Santa Marta. Ao fundo, um prédio em construção, com o seu muro de suporte e em baixo um resto do muro de vedação, ainda de pé, mas inclinado. No 1.º plano, a massa de entulho entre o necrotério, à esquerda, e um muro de suporte de alto atêrro, em construção, causa próxima do desabamento.

FIG. 3

Efeitos da derrocada, apreciados do lado da R. Sociedade Farmacêutica. Ao fundo as trazeiras de prédios da R. Almeida e Souza. A meio, restos do frágil muro de vedação, junto da muralha em construção. À direita, no 1.º plano um cunhal do Necrotério.

Aspecto de uma parte da parede do Necrotério, correspondente aos três compartimentos de recepção de cadáveres, situados à direita da entrada. A massa de entulho sobe até aos peitoris das janelas, tão altos que não era possível ver de fora o que dentro estava.

FIG. 4

(Clichés do Dr. Domingos Gentil).

sôbre êste muro, que não fôra construído para suportar tais cargas, foi aumentando de tal maneira que começou a ceder, e no inverno de 1921 (Novembro), durante um período de chuvas copiosas, desabou com fragor, pondo em perigo os prédios contíguos, destruindo uma grande parte do necrotério; a mesa de autópsias ficou reduzida a estilhas e soterrado nos escombros o cadáver de Aníbal Soares de Jesus, falecido em 27 em M2A, que ali estava para ser autopsiado. Se o desabamento se desse uma hora antes, o mesmo teria sucedido a mim e ao servente. Apenas ficou de pé, quási inteiramente destelhados, uma parte das paredes da sala de autópsias, o pequeno corredor de acesso e quatro dos compartimentos de entrada (fig. 1). Três aspectos da derrocada são reproduzidos nas figuras juntas, que devo à amabilidade do Dr. Domingos Gentil.

Urgia restabelecer o serviço de autópsias, fôsse onde fôsse, e sem olhar a sacrifícios. Reconhecida a inconveniência de transportar os cadáveres para outro estabelecimento, foi utilizada uma pequena casa, com pavimento de tijolo e $3^m \times 2^m$ de superfície, que servia de arrecadação de apetrechos de jardinagem; era a que ficava mais próxima dos restos do necrotério, onde poderiam continuar a ser recebidos os cadáveres, nos pequenos compartimentos de entrada, intactos.

Não sendo possível obter uma mesa de mármore, zinco ou madeira, a título de empréstimo em qualquer dos estabelecimentos da Faculdade, o zêlo do condutor de obras públicas, que se ocupava de reparações no Hospital, sugeriu a possibilidade de se encontrar alguma coisa, que se utilizasse como tal, no depósito de materiais do Convento de Santa Joana. Na visita ali feita encontrei de facto o pavimento em mármore de um mictório para 4 compartimentos, a cujas depressões seguiam rêgos abrindo-se num escoadoiro comum. À falta de melhor foi esta peça, com $1^m,80 \times 0^m,70$ colocada na pequena casa, sôbre dois panos de tijolo, ficando à sua

volta apenas uma estreita coxia; ficou improvisada a casa de autópsias, que recebia ar e luz só pela porta de entrada, que não podia, portanto, ser fechada durante o exame cadavérico. Obtida ràpidamente a canalização de água e o esgôto, improvisado um vestiário e arrecadação, em cubículo contíguo, onde os encarregados da jardinagem guardavam vasos e as suas roupas, em 15 de Dezembro e nestas precárias condições, recomeçava o serviço.

Entretanto a Direcção do Hospital promovia uma reparação provisória do necrotério. Foi reparado o telhado correspondente à parte intacta, removido o entulho da sala maior, remendadas com tábuas e vidraças velhas as paredes desta, de modo a proteger quem ali estivesse do vento e da chuva (!); ficou uma ruína abarracada, onde começou a fazer-se o serviço em meados de Janeiro de 1922, mantendo-se com o mesmo carácter provisório muito aquém de 1922.

Depois de 15 de Outubro de 1922, exerceram sucessivamente as funções de Prossector os Profs. Henrique Parreira e Simões Raposo, até que foi extinto o prossectorado, quando foram promulgadas medidas para reduzir os encargos do tesouro público (1).

Em Julho de 1936 foi restabelecido o Prossectorado por decreto que, por vários e ponderáveis motivos, merece ficar aqui arquivado:

Decreto n.º 26:781: No Hospital Escolar anexo à Faculdade de Medicina de Lisboa foi criado em 1918 um lugar de prossector de Anatomia Patológica, encarregado das autópsias e dos exames histo-patológicos das clínicas da referida Faculdade. O decreto n.º 15:977, de 24 de Setembro de 1928, determinou a extinção dêsse lugar, mas a experiência veio demonstrar que não é possível aos professores e assistentes de Anatomia

(1) Decreto n.º 15:977, de 24 de Setembro de 1928, publicado no *Diário do Govêrno*, 1.ª série, n.º 220, do mesmo dia.

Patológica exercer com regularidade aqueles serviços. Verificada assim a necessidade de confiar a prática anatomo-patológica do Hospital Escolar a um cientista devidamente especializado e isento da obrigação de prestar quaisquer serviços clínicos ou docentes, usando da faculdade conferida pela 2.ª parte do n.º 2.º do artigo 109.º da Constituïção, o Govêrno decreta e eu promulgo, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1.º É criado no Hospital Escolar anexo à Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, um lugar de prossector de Anatomia Patológica, a cujo cargo ficarão os serviços de autópsias e exames histopatológicos das Clínicas da mesma Faculdade.

Art. 2.º O provimento do lugar de prossector de Anatomia Patológica realizar-se-á nos termos do artigo 87.º do decreto n.º 18:717, de 27 de Julho de 1930, com redacção dada pelo artigo único do decreto n.º 24:042, de 20 de Julho de 1934.

Art. 3.º Ao lugar criado pelo artigo 1.º será atribuído o vencimento anual de 36.000$.

§ único. Se para o exercício destas funções fôr contratado indivíduo estrangeiro de mérito excepcional, poderá o vencimento ser elevado até 60.000$, nos termos do artigo 18.º do decreto n.º 26:115, de 23 de Novembro de 1935, mediante proposta fundamentada do Conselho escolar da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.

Art. 4.º No ano económico de 1936 os encargos resultantes da execução do presente decreto serão satisfeitos pelas disponibilidades da verba inscrita no n.º 1) do artigo 208.º, capítulo 3.º do orçamento da despesa do Ministério da Educação Nacional para êste ano económico.

Publique-se e cumpra-se como nêle se contém.

Paços do Govêrno da República, 11 de Julho de 1936.

Foi contratado o Prof. Friedrich Wohlwill, prossector no Instituto do Cancro. Como laboratório do prossectorado passou a funcionar o do Serviço do Prof. A. Monjardino. Todavia no Serviço do Prof. Francisco Gentil manteve-se a tradição, continuando as autópsias a êle respeitantes e tôdas as suas análises histopatológicas a ser feitas pelo pessoal do seu laboratório.

* * *

O meu leitor, que se fôr atento, muito terá sublinhado e muitos comentários terá anotado à margem desta exposição, preguntará: Mas o que tem o Instituto de Histologia de Coimbra com o Prossectorado do Hospital Escolar de Lisboa?

Teve uma influência decisiva na orientação do ensino teórico e prático que se faz neste Instituto e na investigação científica que aqui se tem realizado.

De facto na prática intensiva durante quási oito anos de Anatomia e da histo-fisiologia patológicas, e num meio em que há a noção perfeita do valor destas no ensino e na prática médico-cirúrgica, reconheci a importância primacial que lhes deve ser dada por quem tenha o encargo da educação profissional do médico e do cirurgião e desde os seus primeiros passos no âmbito das Faculdades.

Resultou daí a orientação fisio-patológica que tenho dado ao curso de Histologia, aliás mal compreendida no meio coimbrão, mesmo por aqueles que cientìficamente tinham estricto dever de bem a interpretar e de me ajudar nesta campanha, que se vem desenrolando há 18 anos pro Escola e não em benefício pessoal, antes com prejuízos de tôda a ordem.

Quando em Outubro de 1922, tomei conta dos restos do velho laboratório de Costa Simões e Filomeno da Câmara e fiz o inventário do que existia aproveitável

para o ensino prático, em matéria de preparações microscópicas, encontrei uma penúria ainda maior do que aquela que imaginara. Já sabia, com efeito, que era grande, porque em três ou quatro dezenas de anos o ensino prático da Histologia fôra um simulacro mal montado e sem qualquer eficiência, para o qual se achava, todavia, uma explicação (1), atenuante aliás muito discutível, mas de modo algum aceitável depois da reorganização do ensino-médico de 1912. A Cadeira já não era de Histologia e Fisiologia Geral, de facto aquela ainda mais geral do que esta; era de Histologia e Embriologia e, mais explìcitamente se deveria dizer, de Histologia e Embriologia humanas.

Em 1913 havia arquivadas algumas centenas de preparações histológicas, relativas à osteogénese (Dr. A. A. da Costa Ferreira), de medula espinhal de embriões de galinha (Dr. Lopes Manita), de pulmão (Dr. Fausto Lopo de Carvalho), de útero (Dr.ª D. Maria da Conceição Ferro da Silva), algumas adquiridas no estranjeiro, umas tantas feitas pelo servente António Henriques, nas horas vagas não ocupadas pela venda de ovos no mercado, e outras por mim.

---

(1) O falecido professor Luís dos Santos Viegas, que em 1910 transitou a seu pedido da Cadeira de Patologia interna para a de Anatomia Patológica, para o ensino da qual não tinha habilitações especiais, nem educação histológica e técnica, o que confessava francamente, como homem de consciência que era, contou-me que, desejando bem aprender para bem ensinar, nessa ocasião quis obter uma colecção de preparações microscópicas de órgãos humanos normais que lhe servisse de guia na comparação. O professor Filomeno da Câmara, a quem se dirigiu, só tinha preparações de tecidos de rã, de salamandra, de hidrófilo, poucas de coelho e de carneiro, nem uma única humana! Nem facilidade tinha de as obter, acrescento eu, porque no Laboratório de Histologia não se faziam inclusões; a técnica reduzia-se à dissociação e ao corte de tecidos endurecidos no alcool e encravados na ocasião em medula de sabugueiro! Os alunos viam mais vezes o sangue da rã do que o do homem e a sua preparação histológica era mais para a medicina dos animais de sangue frio!

Como sabia que estas condições se mantinham, quanto à aquisição, logo que em Março de 1922 começaram as diligências oficiais para o meu ingresso na Faculdade de Medicina de Coimbra, aproveitei tôdas as autópsias feitas a curto prazo depois da morte (algumas meia hora depois), para colhêr fragmentos de órgãos supostos normais, que eram fixados e incluídos na parafina. E ainda bem que assim procedi, porquanto aqui verifiquei que a quási totalidade das preparações acima referidas, estava inutilizada por enxurradas que, através do pavimento da Clínica Obstétrica, tinham caído sôbre o armário que as continha. Cortar os blocos de inclusão feitos em Lisboa e còrar as preparações foi o meu primeiro trabalho em Coimbra!

Assim consegui material humano para os exercícios práticos de Anatomia microscópica.

Eis o segundo ponto de íntima relacionação do Instituto de Histologia de Coimbra com o Prossectorado do Hospital Escolar, de tão capital importância que, ainda hoje, 18 anos decorridos, os alunos trabalham com preparações dessa proveniência em número superior aos de qualquer outra (1).

---

(1) A um crítico, dos muitos que nesta aldeia universitária passam a vida a fazer juízos sôbre o que não percebem, pareceu que, fazendo-se no Instituto de Histologia análises histo-patológicas, se exorbitava, com prejuízo do ensino e da economia do estabelecimento! Ora uma parte do material humano normal com que os alunos trabalham deve-se a êsse serviço extraordinário. Assim as preparações da pele, músculo, gânglio linfático, lábio bucal, língua, amigdala palatina, estômago, apêndice cecal, mucosa das cavidades paranasais, rim, globo ocular, útero, mama, testículo, corpo tiróide, teem esta proveniência, pois que nem tudo o que nos enviam é patológico, nem a totalidade de material de cada um dos casos é patológica, e o Instituto encontra neste aproveitamento compensação mais que suficiente da despesa feita.

Não menos numerosas e valiosas são as preparações arquivadas para demonstração. Só os zoilos ignoram que é mais fácil, por exemplo, fazer ver a um aluno as pontes de Schultze ou a morfologia dos

Mais alguma coisa testemunha as relações entre os dois estabelecimentos e serviços: Numerosas publicações científicas do Instituto de Histologia dizem respeito a materiais colhidos no Prossectorado, cujo estudo foi começado no Laboratório do Serviço do Prof. Francisco Gentil e no Instituto completado, ou totalmente por mim aqui feito. A série já não é pequena:

1924 — *Dez casos de anomalias utero-vaginais.* «Rev. da Univ. de Coimbra», vol. x.

1925 — *Divertículos do tubo digestivo (estudo de 82 casos inéditos).* Idem.

— *A túnica muscular da ansa sigmoidea do colon.* Com. ao Congresso luso-hespanhol para o avanço das Sciências (Coimbra, Junho).

1926 — *Sur le «foramen cœcum linguæ» de Morgagni.* «Folia Anat. Univ. Conimbrigensis», N 5, vol. I.

— *Le diverticule de Meckel. Sur quelques caractères à utiliser dans le diagnostic anatomique.* Idem, N 12.

1927 — *Sur un kyste à épithelium vibratile du cardia.* Idem, vol. II.

— *Contribution à l'étude des variations des côtes chez l'homme.* Idem, vol. II, N 2.

— *Sept observations de jéjuno-iléon trop court.* Idem, vol. II, N 5.

— *Quelques observations d'anomalies du péritoine et de la position de l'intestin chez l'homme.* Idem, vol. II, N 6.

---

elementos celulares do tecido citógeno do corpo do útero, se existe edema de pele ou do endometrio. E, como êste, inúmeros exemplos se poderiam apresentar como demonstração de que preparações histo-patológicas podem ser elemento de alto valor nas demonstrações de Anatomia microscópica normal.

1927 — *Diverticules du «duodénum»*. Étude anatomo-pathologique de huit cas. Idem, vol. II, N 8.

— *Six cas de diverticules de l'œsophage proprement dits. Quelques considérations sur la pathogénie de ces diverticules.* Idem, vol. II, N 10.

1928 — *Sur le refroidissement cadavérique.* C. R. Soc. Biol., t. 98, p. 165.

— *Diverticules de la vessie.* «Folia Anat. Univ. Conimbr.», vol. III, N 5.

— *À propos de cinq faux diverticules du tube digestif.* C. R. Soc. Biol., t. 99, p. 950.

— *Ulcères gastro-duodénaux déterminés par des infartus emboliques.* Idem, p. 951.

1930 — *Anomalies congénitales de l'appareil urinaire supérieur (Étude de 110 cas).* Idem, vol. V, N 2.

1931 — *Plaques calcaires de la plèvre. Pleurolithes.* Idem, vol. VI, N 9.

1932 — *Ulcère peptique et adénome polypeux de l'estomac.* Idem, vol. VII, N 7.

— *Polyadénome gastrique à type brünnérien (Hayem). Notes sur un cas.* Idem, vol. 7, N 10.

— *Lymphangio-fibrome de la paroi gastrique.* Idem, vol. 7, N 11.

1934 — *À propos de l'union réno-surrénale et sa signification pathologique.* Idem, vol. 9, N 6.

— *Ulcères gastriques et duodénaux. Notes statistiques.* Idem, vol. 9, N 10.

— *Les tumeurs épithéliales, miliaires, primitives du rein de l'Homme.* Étude d'une série de treize cas. Idem, vol. 10, N 6.

— *Lipomes du rein.* «Medicina» (Lisboa), ano II, N 15.

1936 — *Quelques considérations sur une série de petites tumeurs épithéliales du rein de l'Homme.* «Las Ciencias», Buenos Aires.

1937 — *Anomalias numéricas das sigmoides dos orifícios arteriais do coração do Homem. Apresentação de casos e considerações sôbre a sua morfogenia.* Comunicação à «Soc. Anat. Port.», Reünião de Coimbra (Fevereiro).

— *Aspectos morfológicos dos aneurismas do coração.* «Coimbra Médica», vol. IV.

— *La charpente conjonctive des adénomes miliaires du rein de l'Homme.* «Arch. port. des Sc. biologiques», t. 5.

1939 — *La pathogénie de la péritonite chronique encapsulante de l'intestin. Deux cas d'encapsulement à considérer.* «Folia Anat. Univ. Conimbr.», vol. 14, N 2.

1940 — *La radiographie de l'appendice cœcal excisé et sa valeur au point de vue anatomo-pathologique.* Idem, vol. 15, N 7.

Abundantes materiais esperam oportunidade de estudo e publicação.

Há, pois, continuïdade da actividade posterior a 1922 do Instituto de Histologia de Coimbra e daquela que movimentou durante cêrca de 8 anos o Prossectorado do Hospital Escolar de Lisboa, incluindo nesta designação o período de serviço anatomo-patológico anterior à sua criação oficial e justifica-se que se registem estes factos de considerável importância para o Instituto de Histologia de Coimbra.

Novembro de 1940.

RÓMULO
CENTRO CIÊNCIA VIVA UNIVERSIDADE COIMBRA
1329743487